

Antropologia e Turismo – reflexões teóricas sobre o estudo de processos socioculturais nas localidades receptoras¹

Ivone dos Passos Maio²

Universidade de Caxias do Sul (discente)
Faccat – Faculdades de Taquara (docente)

Resumo

O trabalho propõe reflexões teóricas sobre o estudo de processos socioculturais do turismo nas localidades receptoras através do olhar antropológico. Busca resgatar de que forma a Antropologia se aproximou do fenômeno turístico. Aborda a importância de considerar o contexto globalizado nesses estudos. Também defende o uso do método etnográfico como caminho possível para a compreensão da relação turistas/residentes.

Palavras-chave

Antropologia – Turismo – Processos Socioculturais.

Ao estudar as relações entre turistas e residentes ou as mudanças provocadas pelo desenvolvimento do turismo nas comunidades, encontra-se na literatura um número razoável de trabalhos. Embora a atenção dos estudos sobre o turismo tenha, primeiramente, se voltado a aspectos positivos desta atividade (em especial o econômico), a partir da década de 1970, ganha força a preocupação dos pesquisadores quanto aos processos sociais e culturais, além dos impactos ambientais resultantes do desenvolvimento turístico (JAFARI 1994). Os estudos anteriores à década de 1990 quanto aos aspectos socioculturais do turismo, tendiam a interpretar a a cultura da comunidade receptora como essencialmente boa e o extremo disto, o desenvolvimento do turismo como essencialmente ruim.

O estudo dos processos socioculturais do turismo aparecem em diversas áreas em interface com o Turismo, tais como a Geografia, a Ecologia, a Psicologia, a Sociologia, mas é na Antropologia que estes estudos encontram terreno bastante fértil. Acredita-se que a Antropologia, pode contribuir em outros diversos aspectos diferentes

¹ Trabalho apresentado ao GT 10 “Antropologia, Turismo e Responsabilidade Social: sentidos e significados da diferença” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006

² Professora do Curso de Turismo da Faccat. Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. zimaio@gmail.com.

para o estudo do turismo (como o enfoque a partir dos processos simbólicos, por exemplo), porém, observa-se que a participação da Antropologia no estudo dos processos socioculturais, até o momento, é destacada.

As considerações teóricas que propõe este trabalho, tem como pano de fundo a experiência de um pesquisa de mestrado, que buscou entender os processos socioculturais do turismo na Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS, a partir do olhar de residentes (MAIO 2006). Essa pesquisa privilegiou o método etnográfico e também utilizou como instrumento de pesquisa a fotografia.

Essa experiência de campo, trouxe a necessidade de refletir sobre o encontro da Antropologia e do Turismo. Pois, se a Antropologia contribui com seu escopo teórico para o estudo do turismo e, no campo dos estudos turísticos se constrói a necessidade de compreender as relações turistas/residentes, é necessária a reflexão teórica de questões transcendentais ao turismo, forjadas anteriormente na Antropologia. Esta reflexão a respeito do olhar antropológico sobre o turismo faz avançar nos estudos das comunidades que se caracterizam por receber fluxo de turistas.

Assim, procura-se abordar, de que forma a Antropologia se identifica com os estudos das comunidades receptoras de turismo; como o estudo do completo, premissa antropológica, pode ajudar a conter o olhar fragmentado quanto os processos socioculturais do turismo e da globalização. E por último, o trabalho aborda o método etnográfico como caminho possível para esse tipo de estudo, além de defender o entendimento destas transformações como processos e não como impactos, dentro da perspectiva de culturas híbridas.

Dos “nativos” ao “residente” – o encontro da Antropologia e do Turismo

Ao olhar, rapidamente, a história da Antropologia, na leitura de Laplantine (2005, p.15), percebe-se que, no seu princípio estava ligada ao estudo do homem não-ocidental, o “nativo”. Tendo determinado assim seu objeto, passa a construir as ferramentas de investigação necessárias, porém isto levou algum tempo, e o objeto ao qual se propôs a estudar estava desaparecendo em meio ao processo de modernização.

Passada a “crise de identidade” (*ibidem*), a Antropologia encontra alguns novos caminhos, um deles diz respeito ao estudo do “selvagem de dentro”, ou seja, pessoas,

comunidades, que se encontram a margem do processo da modernização/globalização, como os camponeses.

Porém, a Antropologia foi além, pois não determinou o “selvagem de dentro” como seu objeto. Nas palavras de Laplantine “a Antropologia não é senão um olhar, um certo enfoque que consiste em: o estudo do *homem por inteiro*; o estudo do homem em *todas* as sociedades sob *todas* latitudes em *todos* os seus estados e em *todas* as épocas.” (LAPLANTINE 2005, p.16)

Acredita-se que o olhar antropológico pode ajudar a melhor compreender os processos decorridos do encontro de turistas e residentes, sem esquecer que este encontro não se dá no vácuo, e sim num contexto interligado.

Fazendo uma ligação com os estudos dos processos socioculturais do turismo, percebe-se que as localidades estudadas são em geral, contrastantes com o modelo dominante remetendo à comunidades *tradicionais* - camponesas ou caiçaras, ou ainda em localidades com índices de pobreza acentuados (RODRIGUEZ, 1994, BACAL 1991, CAROSO e RODRIGUES 1998, RIAL 1988, LAGO 1983). Barretto (2004, p.139) faz uma análise de diversos estudos da relação turistas/residentes e afirma que “a maior quantidade de pesquisas focaliza comunidades com poucos habitantes, em ilhas ou lugares afastados dos centros urbanos.”

Steil (2004) analisa as diferenças das estruturas narrativas dos trabalhos etnográficos em turismo e diz que nos anos de 1970 estes

estavam ordenados por uma estrutura narrativa implícita que via as comunidades hospedeiras como totalidades idealizadas a serem preservadas contra qualquer agente externo, especialmente o turismo, que se apresentava como um fator por excelência de desequilíbrio e desarmonia de uma economia local de trocas de bens simbólicos e materiais.(STEIL 2004, p.1)

Dessa forma, o autor afirma que a visão do passado era idealizada e nostálgica, já o presente era entendido como caótico, e o futuro teria como resultado o desaparecimento e a assimilação da comunidade local, inserindo-se nas relações impessoais e de mercado.

Seguindo com esta análise Steil (2004) afirma que a partir da segunda metade dos anos 1990, a estrutura narrativa dos estudos etnográficos em turismo se modifica. Nesta, o presente é entendido como uma “reinvenção da tradição”, o passado não é tão

idealizado e o futuro “está em aberto”, dependendo da forma como se dará a relação nativo/turista, suas perdas e ganhos.

Essas mudanças nas narrativas são conseqüências de alterações internas na Antropologia, como por exemplo, um entendimento diferente dos conceitos de “comunidade” e de “nativo”. Para Steil (2004) o conceito de comunidade estava demasiadamente atrelado a questões geográficas, ou seja, o estudo da cultura local era feito *no local*, que era determinado por uma localização geográfica específica. “No horizonte dessa estrutura narrativa, as aldeias, habitadas por nativos, são sítios limitados, particularmente aptos a serem visitados e descritos pelos antropólogos como totalidades sociais e culturais”. (STEIL 2004, p.2). Da mesma forma, os “nativos” eram entendidos como algo estático, segundo Appadurai (1988 apud STEIL 2004 p.2) “os nativos, enquanto pessoas confinadas aos lugares a que pertencem e determinadas por eles, ou enquanto grupos intocados pelo contato com um mundo mais amplo, provavelmente nunca existiram”.

Portanto, essa mudança na narrativa etnográfica dos estudos de turismo é recente, e aponta para uma interpretação das comunidades e dos turistas não como totalidades separadas.

O estudo do completo *versus* visão fragmentada do turismo e do processo de globalização.

A Antropologia através da sua história foi se firmando como uma abordagem (um olhar) que se propõe a ser um “estudo do homem por inteiro” (LAPLANTINE, p.16), ou seja “uma abordagem integrativa que objetive (sic) levar em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade”. Como método, a Antropologia consagra a prática etnográfica, dando total prioridade à experiência pessoal de campo. Uma vez em campo, Laplantine diz que “tudo deve ser anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar”(ibid, p. 156). Para este autor o estudo da totalidade é uma exigência. Também ilustrando esta idéia Mauss (1960 apud LAPLANTINE, p.156) escreve “o estudo do concreto é o estudo do completo”. Portanto, ao propor-se o estudo dos processos socioculturais do turismo, não é possível isolar o turismo e a comunidade estudada do mundo, do contexto em que os fenômenos ocorrem.

Entende-se o turismo como dimensão constitutiva do processo de globalização, não sendo possível separá-los. Afirma-se isso, considerando que o turismo se desenvolva dentro da lógica capitalista que se processa em nível global. Refletir dessa forma leva a entender o desenvolvimento do turismo como parte integrante de um processo maior que se chamará genericamente de globalização.

Considerando algumas das reflexões de Ortiz (2000) a respeito da globalização e da mundialização da cultura, tentar-se-á traçar relações com o turismo, construindo assim, sua interpretação como parte da globalização.

Muitas transformações têm acontecido, nas últimas décadas, nas mais diversas áreas, configurando assim uma nova sociedade. Pode-se citar dentre estas transformações as inovações tecnológicas e sua disseminação no cotidiano, a economia globalizada e de certa forma uma cultura com traços similares independentemente das nacionalidades. Essas mudanças que caracterizam o que pode-se chamar de sociedade pós-moderna influenciam as relações pessoais, a família, o trabalho, o lazer, inserindo novos significados, diferentes do mundo tradicional ou mesmo daquele que podemos chamar de moderno. Considera-se o turismo como atividade emblemática da sociedade pós-moderna, questões como mobilidade, desterritorialização, des-enraizamento, aparecem como características iminentes à globalização (ORTIZ 2000) e também ao turismo. Nesta passagem MacCannell fala da desterritorialização ligada aos empreendimentos turísticos:

Até o dia-a-dia dos vilarejos camponeses em todo o mundo estão sujeitos a esses deslocamentos. No “Little World” no Japão, pode se encontrar vilarejos Índios Gregos, Africanos, Tailandeses e Americanos, inclusive alguns de seus habitantes, funcionando como tema do parque e museu etnológico vivo (MACCANNELL 2001, p.385).

MacCannell (2001) também acredita que as localidades turísticas estão se homogeneizando, “cada movimento leva o turista para um lugar não diferente daquele que ele deixou (ibid, p.389)”. Na interpretação de Ortiz (2000) pode-se entender esta característica vista no turismo, como um movimento mais amplo. O autor acredita que a similaridade entre os locais é a expressão de uma cultura “internacional-popular” privilegiada pela sociedade pós-moderna e afirma que:

a desterritorialização prolonga o presente nos espaços mundializados. Ao nos movimentarmos percebemos que nos encontramos no ‘mesmo lugar’ (...). Desde que o viajante, nos seus deslocamentos, privilegie os espaços da

modernidade-mundo, no 'exterior', ele carrega consigo seu cotidiano (ibid 2000, p.133).

Diversas outras características do mundo capitalista globalizado se revelam no turismo, como a propriedade privada, o trabalho assalariado e a concentração dos bens (enfraquecimento de firmas sem poder global), a hipótese é de que isso ocorre justamente porque a atividade turística se processa dentro desse contexto que, permeia todas as relações atuais.

Ortiz (2000) utiliza o termo mundialização para o domínio específico da cultura, referindo-se as trocas culturais e também o compartilhamento de referências culturais em nível mundial. Ao abordar as mudanças socioculturais do turismo nas localidades receptoras não se pode ignorar o processo de mundialização cultural, ou seja, depositar no turismo toda a culpa por transformações socioculturais sem refletir sobre essa situação. no mundo globalizado. Ou melhor, pode-se entender o turismo como um “braço” da mundialização cultural, como um dos meios da globalização, sua expressão, sua revelação.

Portanto, acredita-se que o estudo de mudanças socioculturais do turismo em uma localidade receptora deve-se considerar o contexto do processo de globalização no qual ela está inserida e também entendendo o turismo como parte da globalização.

Além disso, diversos processos, como o declínio da produção artesanal, geralmente aparecem como fatores importantes de influência do desenvolvimento turístico das localidades. Ou seja, o turismo aparece como uma alternativa possível (pois está de acordo com o modo de produção atual) para resgatar a economia de uma localidade que anteriormente estava baseada na produção artesanal.

Buscar compreender a complexidade de todos esses processos, conduz ao estudo do homem por inteiro, não isolando-o enquanto turista e residente (ou ainda, “nativos”), como se isso determinasse as suas essências culturais. Considera-se importante compreender o contexto no qual se dá esta relação, pois eles se modificam e interagem. Mesmo consciente de que, enquanto pesquisador consegue-se abstrair uma parte da realidade, é válida a tentativa de pensar o todo.

O método etnográfico no estudo dos processos socioculturais do turismo

Estudar o fenômeno turístico e os processos socioculturais na comunidade receptora e também entre turistas e residentes, se mostra tarefa complexa. Ao falar sobre a dificuldade de estudar a complexidade da cidade, García Canclini (2003, p.21) comenta: “O antropólogo chega a pé, o sociólogo de carro e pela pista principal, o comunicólogo de avião. Cada um registra o que pode, constrói uma visão diferente e portanto, parcial.” Dentro da busca científica pela compreensão de um fenômeno, desde já se acredita que esta pode, e provavelmente será uma interpretação desta realidade.

Essa discussão quanto à objetividade das Ciências, ganha mais força especialmente naquelas que utilizam o método qualitativo. Este é o caso das Ciências Sociais. Preocupações com relação ao viés na pesquisa qualitativa, alimentam debates quanto a sua objetividade, e neste ponto concorda-se com Goldenberg (2003) que explica que o pesquisador deve estar consciente da subjetividade, aceitar sua existência, para então tentar escapar de algumas “armadilhas”.

Quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais, mais é capaz de evitar o bias, muito mais do que aquele que trabalha com a ilusão de ser orientado apenas por considerações científicas (GOLDENBERG 2003, p.45)

Sendo assim, ao reconhecer essa subjetividade pode-se tentar prevenir sua interferência nos resultados e andamento da pesquisa. Segundo Goldenberg (2003, p.45) “a simples escolha de um objeto já significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa.”

Outra discussão bastante interessante e fecunda, em especial na Antropologia, é a interferência do investigador na sociedade que estuda e também “como as estratégias textuais de descrição etnográfica reduzem a polifonia conflitiva de cada cultura à coerente voz única da descrição científica” (GARCÍA CANCLINI 2003, p.268)³

Portanto, esse questionamento e esta reflexão a respeito da pesquisa qualitativa e do método etnográfico, acredita-se, acabam por enriquecê-lo. Entende-se que o estudo de mudanças, processos socioculturais, é mais bem compreendido pela pesquisa qualitativa. Pois, esta parece ser a melhor maneira de trabalhar com dados que expressem aspectos de percepção e de atitudes, ou mesmo, subjetivos e simbólicos, já

³ Como exemplo, o livro de J. Clifford e G. Marcus (orgs), *Writing Culture: The poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, The University of Califórnia Press, 1986. No Brasil, interessante esclarecimento do tema no livro de Peirano, M. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

que é difícil transformar sentimentos, acontecimentos da vida real, em valores numéricos.

O método etnográfico mostra-se um caminho interessante no estudo dos processos socioculturais do turismo. O trabalho etnográfico pode ser entendido como uma imersão no mundo do outro, na tentativa de compreendê-lo a partir da superação do etnocentrismo. Tem como instrumentos básicos de pesquisa a observação direta, a observação participante e entrevistas em profundidade.

Para Laplantine a etnografia

é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma verdadeira aculturação invertida, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações “exteriores”, devo interioriza-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos (2005, p.150).

A etnografia pressupõe observação sistemática, visão de totalidade e também atenção ao cotidiano e aos detalhes. É a tentativa de compreender de dentro. Malinowski (apud GOLDENBERG 2003) sugeriu três questões para orientar o trabalho de campo: o que os nativos dizem sobre o que fazem?; o que realmente fazem?; o que pensam a respeito do que fazem?.

Diferente de estudos antropológicos clássicos, que remetem a sociedades “simples”, tribais, ou simplesmente não-ocidentais, o estudo dos processos socioculturais do turismo pode privilegiar comunidades rurais, de pescadores artesanais, e muitas vezes, comunidades urbanas. Sobre o uso do método etnográfico em estudos urbanos, Durham (1986, p.19) diz que “esse tipo de investigação tem uma longa tradição na antropologia brasileira. (...) trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia, mas voltados para o estudo de populações que vivem nas cidades”. Já, para Oliven (2002, p. 7) existe uma tradição na Antropologia em estudar “comunidades”, e muitas vezes a cidade é o pano de fundo destes fenômenos.

Muitas vezes, as localidades estudadas estão em um processo de modernização/urbanização (podendo inclusive o turismo ser um dos agentes desta mudança). O que faz com que o pesquisador se defronte claramente com um processo de hibridismo cultural.

Dentro deste entendimento, García Canclini (2003) fala da dificuldade, em especial na modernidade de determinar a cultura enquanto isto ou aquilo; enquanto erudita, popular ou de massa, moderna, tradicional ou popular. Essas barreiras, ou fronteiras, parecem cada vez mais nebulosas. Da mesma forma, no estudo dos processos socioculturais não há como caracterizar a comunidade estudada de forma idílica, considerando-a uma cultura engessada. Isso seria falsear os fatos, ou no mínimo, simplificá-los. Por isso, considera-se interessante o conceito de híbrido, pois ele permite movimento à cultura, ele permite trocas, ele exclui a necessidade de uma “pureza” da cultura.

García Canclini (2003, p.XIX) cita “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” O autor, apoiado em Stross (1999) acredita que uma das formas de descrever esse processo do discreto ao híbrido é a fórmula “ciclos de hibridação”, segundo a qual “na história, passamos de formas mais heterogêneas a outras mais homogêneas, e depois a outras relativamente mais heterogêneas, sem que nenhuma seja ‘pura’ ou plenamente homogênea” (GARCÍA CANCLINI 2003, p.XX). Interessante notar a citação que o autor faz ao Turismo neste processo:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. (ibidem, p.XXII)

Portanto, as trocas culturais se dão de diversas formas e motivos e esse processo gera mudanças, gera hibridização. Porém, é importante lembrar que esses processos híbridos não se dão com ausência de poder e de conflitos: “a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições” (GARCIA CANCLINI 2003, p.18).

Apostando no dinamismo da cultura defende-se o uso do termo *processos socioculturais* ou *mudanças socioculturais* ao abordar-se as relações do turismo e da localidade receptora, pois entende-se que o termo *impacto* retoma a idéia de culturas “essencialmente” diferentes que se chocam, de forma quase mecânica. A maioria dos estudos de mudanças socioculturais do turismo, especialmente até o final da década de 1980, utilizam o termo *impacto*. Esses trabalhos, produzidos por cientistas sociais, que tratam dos “impactos socioculturais” foram sendo reproduzidos na literatura do turismo e parecem ter forte influência da Antropologia Culturalista (Franz Boas).

Santos (2005) faz uma interessante discussão sobre o uso dos termos *aculturação* e *impactos* nos estudos antropológicos voltados ao turismo, o autor faz esta abordagem,

a partir do ponto de vista das contribuições recentes ao debates sobre os processos culturais contemporâneos, caracterizados muito mais por concepções não estáticas e circunscritas de cultura, onde termos como *fluxos*, *fronteiras* e *híbridos* (Hannerz, 1997) e seus correlatos tentam dar conta de movimentos que revelam-se, hoje, muito mais como transversalidades e re-elaborações do que como *impactos* e *assimilações*. (SANTOS 2005, p. 3)

O autor ainda afirma que

Conceber, portanto, a dinâmica de encontros culturais como de simples supressão de traços culturais – religiosos, lingüísticos, econômicos, organizacionais – não esclareceria acerca das novas modalidades de fronteiras étnicas disponíveis para os agentes sociais na situação de interação. Em outras palavras, as fronteiras étnicas e culturais são suscetíveis de reorganização. (SANTOS 2005, p.7)

Além disso, o termo *impacto* tem sua origem nas Ciências da Natureza, e é correntemente utilizado na Biologia e Ecologia, para referir-se a desequilíbrios no meio causados por agentes externos. O conceito *impacto* migrou para outras áreas, como a economia, por exemplo, e indica uma mudança em uma relação de causa/efeito. Portanto entende-se que alguns cuidados devem ser tomados ao uso deste termo, pois este pode indicar uma interpretação ambientalista e/ou mecanicista da cultura.

Algumas considerações

O presente trabalho buscou refletir de que forma a Antropologia contribui para o estudo dos processos socioculturais do turismo nas localidades receptoras.

Para isso, resgatou-se, de forma breve, a busca da Antropologia por seu objeto, e como essa disciplina se aproximou do fenômeno turístico – procurando entender as interações culturais entre turistas/residentes.

Considerou-se também, a importância da visão do contexto em que essa relação se dá. Considerando questões como a modernização e a globalização. Entendendo que pensar a relação turistas/residentes e as mudanças culturais nas localidades receptoras tendo presente o contexto que as envolve, permite tentar uma análise mais complexa, fugindo do *bem* e o *mal*, e buscar compreender estas relações dentro de um processo social.

Além disso, abordou-se o uso do método etnográfico, consagrado pela Antropologia, no estudo dos processos socioculturais do turismo e de como alguns conceitos como *processos socioculturais* e *hibridismo cultural* podem ajudar a melhor compreender o fenômeno da relação turistas/residentes.

Referências bibliográficas

BACAL, Sarah S. El impacto del turismo em núcleos receptores de países em desarrollo. **Revista Latinoamericana de Turismo**. Vol 1., n. 2, Abril 1991, pp. 97-109. Buenos Aires:CIET

BARRETTO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, v.15, n.2, p.131-132, novembro 2004.

CAROSO, Carlos e RODRIGUES, Núbia. Nativos, veranistas e turistas: Identidades, mudanças e deslocamento sociocultural no litoral norte da Bahia. **Turismo em Análise** v.9, n.1, 1998.

CLIFFORD, James; MARCUS, G. (orgs), **Writing Culture: The poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: The University of Califórnia Press, 1986.

DURHAM, Eunice. **A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas**. In CARDOSO, Ruth (org). A aventura Antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar – como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. São Paulo: Record, 2003.

JAFARI, Jafar. La cientifizacion del turismo. **Estudios y perspectivas en turismo**. Buenos Aires: CIET, v.3, n.1, 1994, p.7-36.

LAGO, Mara C. de S. **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Ciências Sórias. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1983.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MACCANNELL, Dean. **Remarks on the Commodification of Culture**. in: SMITH, V. L.; BRENT, M. (orgs.). Hosts and Guests revisited: Tourism issues on the 21st century. California State University: California, 2001.

MAIO, Ivone Passos dos. **Processos Socioculturais do Turismo na Localidade Receptora: o olhar de residentes sobre os visitantes na Ilha da Pinatada/Porto Alegre/RS**. Dissertação de mestrado. Universidade de Caxias do Sul/Mestrado Acadêmico em Turismo. Caxias do Sul, RS:2006.

OLIVEN, Ruben G. **A antropologia dos grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. Brasiliense: São Paulo, 2000.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.

RIAL, Carmen S., **Mar-a-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social UFRGS, 1988.

RODRIGUEZ, Pilar F. Impactos culturales em um área periférica al turismo (Güimar, Tenerife). **Estudios y perspectivas en turismo**.v.3, n.3, 1994, p.214-222.

SANTOS, Rafael José dos. **Aculturação, impactos culturais, processos de hibridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo**. Trabalho apresentado na VI Reunião de Antropologia do Mercosul, Montevideo, Uruguay, 16, 17 e 18 de Novembro de 2005.

STEIL, Carlos A. **Antropologia do Turismo: Comunidade e Desterritorialização**. Trabalho apresentado na XXIV Reunião de Antropologia. Olinda, junho 2004.